

# Um anônimo perdido e encharcado na serra

MARCELO TOGNOZZI

Especial para o JB

**F**HC, que naquela época era simplesmente Fernando Henrique Cardoso, entrou na grande área e caminhou em direção ao gol. Parou hesitante alguns metros depois da marca do pênalti e disparou: "Não tem saída!" Atrás deles, igualmente atônitos, estavam o então presidente do PSDB fluminense, Ronaldo Cezar Coelho e este repórter que trabalhava no JB. Cara a cara com o gol, o senador descobriu estar trancado dentro do campo do Independência Futebol Clube, um gramado cravado no topo de um dos morros de Petrópolis, cercado de grades de arame por todos os lados. No

portão, uma corrente e um cadeado desestimulavam qualquer escapada.

Uma trovoadá a mais e uma chuva, antes fina, começou a apertar. Naquela tarde de agosto de 1992, o senador vivia sua última aventura completamente anônimo e longe das câmeras. O helicóptero que nos trouxera da fazenda de Ronaldo, em Vasouras, havia sido obrigado pelo mau tempo a *desovar* o trio no meio do campo. Fernando Henrique Cardoso já dava o caso como perdido, quando um abençoado morador deu uma de Túlio e salvou a pátria no último minuto: "Aí atrás tem um buraco dos cachorros".

Lá fomos os três em fila indiana, liderados por Fernando

Henrique Cardoso — que nesta altura do campeonato dava graças a Deus pelo anonimato e ausência das câmeras — conquistar a liberdade graças a engenharia canina, através do buraco sob a grade.

Ganhamos a rua. Fernando Henrique Cardoso e Ronaldo Cezar precisavam chegar logo ao Centro da cidade para participar da campanha do candidato do PSDB à prefeitura local. A dupla batera perna o dia todo pedindo votos: Resende, Volta Redonda, Barra Mansa e agora Petrópolis. Fernando Henrique exibia um sorrizinho nervoso estampado no rosto úmido.

O senador mais uma vez comandava. "Deixa comigo que eu sei o caminho para o Centro",

avisou. E foi descendo a ladeira. Na direção contrária vinham três meninos. Fernando Henrique Cardoso, com aquela autoridade própria dos *conduteurs*, virou-se para um dos garotos:

— O Centro é pra lá, não é?

— Moço, o senhor tá perdidinho. O Centro fica para o outro lado, respondeu o garoto que nem de longe imaginava quem era aquele homem de cabelos molhados e calças sujas de terra, seguido por dois marmanjos igualmente imundos.

Algumas quadras e uma corrida de táxi depois tudo mudou. Lá estava Fernando Henrique Cardoso sorridente pedindo votos e distribuindo panfletos numa pracinha. Acabamos o dia

exaustos, porém secos, ao redor de uma mesa do Bar Alemão, na Rodovia Washington Luís

Consegui arrancar algumas valiosas confidências sobre os bastidores da CPI que demoliu Fernando Collor de Mello, enquanto o senador devorou quatro sanduíches de linguiça, dois croquetes de carne e fez vista grossa quando o garçon escorregou a conta para que Ronaldo a pagasse. Um mês e meio depois, o Fernando Henrique Cardoso de Petrópolis embarcou na aventura de se tornar ministro das Relações Exteriores, ministro da Fazenda e presidente da República. Trocou o nome pela sigla FHC. Anonimato nunca mais.